

Processo evolutivo das organizações

Noerbeck Motta Júnior^{1,2}

noerbeck@gmail.com

Ruben H. Gutierrez²

rubenhg@uol.com.br

Ludimila Arbach³

ludiarbach@resenet.com.br

1 Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), Faculdade de Administração de Resende - Resende, RJ, Brasil

2 Universidade Federal Fluminense – UFF/LATEC

3. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

RESUMO

Este artigo aborda um tema de grande importância: a formação de arranjos produtivos locais ou clusters, como são conhecidos na literatura mundial. Essas aglomerações de empresas vêm assumindo um papel de relevância nacional e internacional, uma vez que promove a geração de empregos, crescimento econômico da região, o desenvolvimento tecnológico e exportações.

Este tema tem sido amplamente discutido no meio acadêmico e também em toda a sociedade em decorrência dos motivos já expostos acima. Adota-se a pesquisa documental, sendo utilizados documentos e relatórios disponíveis em órgãos e mídias especializadas, assim como uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto.

Palavras-chave: Competição, Aprimoramento, Evolução; Arranjo Produtivo Local.

1. INTRODUÇÃO

É crescente a preocupação com o desenvolvimento econômico e geração de empregos. Apesar dos números serem favoráveis a uma arrancada, o país parece que fica patinando, uma análise deveria recair sobre outros pontos que não fossem simplesmente econômicos. A questão de produtividade não pode ser deixada de lado, porém não é também uma questão fundamental. É sabido que outros países utilizaram de seus melhores conhecimentos para construir indústrias daquilo que realmente são bons, quando se refere à indústria, esta-se falando de comércio, prestação de serviços, turismo, ou seja, tudo aquilo que pode gerar riqueza ao país.

A aplicabilidade deste modelo em um plano de desenvolvimento industrial, deveria ser bem analisado pelos stakeholders, uma vez que, se bem utilizado trás inúmeros benefícios a todos, gerando empregos, impostos e aquecendo a economia.

O processo evolutivo pode ser entendido como a utilização dos melhores conhecimentos disponíveis, para aprimorar as atividades em que o país já possui habilidades reconhecidas.

2. CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO

Organização é a reunião de recursos e disponibilidades com a finalidade de produção ou prestação de serviços. Pela definição de GRANT (1995), recursos são “todos os elementos necessários à consecução das rotinas fabris: Ativos Tangíveis, Ativos Intangíveis e Recursos Humanos”. Disponibilidades seria a capacidade de a empresa assumir a atividade produtiva a que se propõe.

Pode-se dizer que Ativos Tangíveis são todos os recursos físicos necessários à empresa, Ativos Intangíveis seriam ativos invisíveis ao balanço, tais como: nomes e marcas (reputação), tecnologia e propriedade intelectual. Recursos Humanos são as pessoas que oferecem seus conhecimentos e habilidades para a realização das atividades industriais.

Outra definição para Organização seria a de que esta é “mais do que uma simples estrutura, todos os elementos precisam se encaixar para estar em harmonia entre si” (GALBRAITH 1983).

3. EVOLUÇÃO EMPRESARIAL

O pressuposto da Evolução Empresarial baseia-se nas cinco forças de mercado de PORTER: fornecedores, novos entrantes, substitutos, compradores e concorrentes. Em seu Artigo, COMO FORÇAS COMPETITIVAS MOLDAM A ESTRATÉGIA (1979), Porter define que “o posicionamento estratégico da empresa é fundamental a sua sobrevivência, mas para tanto se torna necessário um prévio conhecimento das suas forças fortes e fracas perante a concorrência, para que possa adotar medidas que potencialize suas forças e anule ou transforme sua fraqueza em uma vantagem competitiva”.

Partindo deste conceito pode-se afirmar que uma empresa sofre influência de seu meio ambiente, e reage a ele para sobreviver, pode-se dizer ainda que esta empresa funcione tal qual um organismo vivo, num processo de melhoria contínua, para se adaptar ao meio em que vive procurando as alternativas de crescimento e desenvolvimento que sejam mais vantajosas.

Todo este processo pode fazer com que a empresa sofra alterações estruturais, e com o tempo se transforme em uma outra empresa, mais especializada e mais competitiva. É bem verdade que como ocorre na natureza, às empresas mais fracas ou que não consegue se adaptar as alterações do meio, são extintas ou absorvidas por empresas mais fortes.

Segundo GALBRAITH (1983), a organização eficiente é aquela que mesclou sua estrutura, práticas gerenciais, recompensas e pessoas em um único pacote que, por seu turno, ajusta-se com a estratégia. Entretanto, estratégias mudam e, portanto, as organizações precisam mudar.

4. METODOLOGIA DO ESTUDO

Uma análise bibliográfica mais apurada constatar-se-á que partes do assunto já foram debatidas, porém, falta juntar as pontas para que o mesmo se torne um tema com relevância apropriada, haja vista que o devido conhecimento do assunto pode ser capaz de inferir conhecimentos que podem ser capazes de auxiliar empresas e Governos (Municipal,

Estadual e Federal) a se planejarem tanto para benefício próprio (empresas) ou em nome de uma política industrial (Governos).

O artigo não tem a pretensão de esgotar o assunto, muito pelo contrário, assume que serão necessárias mais pesquisas e análises do tema.

O estudo foi conduzido através de uma pesquisa bibliográfica e exploratória e métodos dedutivos, não se detendo em estudo de casos.

5. ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL) OU CLUSTER

A abordagem sobre aglomerações de empresas está presente na literatura econômica desde o século XIX, com o autor Alfred Marshall, onde iniciou estudo sobre distritos industriais, que são definidos como lugares onde se verifica os benefícios ou vantagens da aglomeração de diversas empresas de maneira intensa, em virtude de diferentes fatores, entre eles destaca-se a aproximação dos fornecedores e a disponibilidade de informações comerciais e tecnologia especializada. O capitalismo é evidenciado em sua forma mais eficiente, uma vez que as transações comerciais são realizadas com custos mínimos.

Os aglomerados industriais possuem princípios teóricos básicos fundamentais, os quais são evidenciados por Marshall: proximidade geográfica das organizações e a inovação industrial.

Na teoria neoclássica, as desigualdades regionais são instrumentos para se obter o equilíbrio entre as regiões, uma vez que as mesmas devem encontrar sua própria vocação produtiva para então se especializar, com visão na exportação do produto.

Porter (1999:132) afirma que “a globalização da competição permitiu que as empresa conquistassem a vantagem competitiva, independentemente da localização, pela maneira como configuram e coordenam a cadeia de valores em bases globais. No entanto, não eliminou a importância da localidade na competição”.

Segundo ao mesmo autor, a regionalização pode ser observada por duas formas: a primeira abrange políticas baseadas para inovação e tecnologia entre os diferentes setores produtivos, e a segunda promove o desenvolvimento de conglomerados industriais, ou seja, os clusters.

A palavra clusters traduzida para o idioma português significa aglomerados industriais. Surgiram na década de 1980 e 1990, no norte da Itália, em distritos industriais e no Vale do Silício, na Califórnia. Essas duas localidades apresentaram um sucesso comercial alcançado pelas empresas instaladas, através da adoção de políticas que visavam promover, planejar e administrar o desenvolvimento industrial dessas localidades.

De acordo com Passos (1996) cluster é definido como sendo “uma concentração unida geograficamente de empresas independentes com canais abertos ativos para transações de negócios, diálogos e comunicações, e que coletivamente compartilham oportunidades comuns e ameaças”.

Conforme Porter (1999) clusters são aglomerados industriais ligados por meio de clientes, fornecedores e outras formas de relacionamento.

Rosenfeld (1997:9) afirma que clusters são “sistemas nos quais os membros estão simplesmente baseados na interdependência e fazem a contribuição ao funcionamento do sistema”.

Portanto, conclui-se que Arranjo Produtivo Local é um sistema de produção que se encontra enraizado a um determinado espaço geográfico para usufruir de vantagens competitivas que esta localidade proporciona.

Segundo Rosenfeld (1997) os clusters apresentam as seguintes características:

- Atração de serviços especializados necessários ao desenvolvimento da região;
- Possuem uma abertura em ‘membros’;
- Possuem visão coletiva;
- Baseiam-se na cooperação e na competição;
- Baseiam-se em valores sociais que promovem confiança e reciprocidade; e;
- Geram um demanda para mais empresas, com similar capacidade relacionada à atividade fim.

Um cluster não é formado por apenas um aglomerado de empresas com o mesmo ramo de atividade. É necessário que haja cooperação entre elas e que estejam dispostas a se articular para promoverem um desenvolvimento em conjunto. Devem atrair para a localidade uma gama de indústrias que ajudarão a desenvolver a atividade principal, ou seja, fornecedores, prestadores de serviços, instituições de ensino e pesquisa. Existe ainda a figura do Estado que tem que oferecer uma infra-estrutura adequada para a criação de um arranjo produtivo. A combinação desses fatores proporciona vantagens competitivas, pois favorecem a capacitação dos trabalhadores e como consequência, as inovações tecnológicas, promovendo o dinamismo local.

Por outro lado, os arranjos produtivos locais podem apresentar algumas desvantagens como inibição de processos de diversificação das empresas localizadas na região, em decorrência da forte especialização das organizações. Isso é chamado de efeito trancamento (*lock-in*) entre os produtores. Exemplificando: na região tudo gera em torno da produção de uma única forma de um produto, em virtude da especialização, sejam as informações emergentes, tecnologias mais avançadas, tendências, entre outras, porem não se vislumbram que haja a possibilidade do surgimento de um novo nicho de mercado dentro da própria região sem se desviar do produto principal.

Deve-se ressaltar que a formação de um arranjo produtivo local não é elaborada por

um modelo único a ser seguido por todas as localidades que querem promover o seu desenvolvimento, pois existem fatores culturais e históricos locais que não podem ser infringidos. Portanto a “construção” de um cluster não é uma tarefa fácil e tão pouco trivial.

6. DESENVOLVIMENTO DAS INDÚSTRIAS LOCAIS

Entende-se como indústria local Organizações de um mesmo país, pode-se considerar também, como indústrias locais, as multinacionais e as transnacionais, uma vez que deixam parte de sua riqueza através de salários, impostos e pagamento a fornecedores nacionais. No caso do Brasil, devido ao tamanho, ocorre à formação de grupos de indústrias em diversas regiões, por exemplo, na região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro desenvolve-se um pólo metal-mecânico, devido à presença de grandes indústrias siderúrgicas, metalúrgicas e automobilísticas.

Todo o processo é natural, indústrias afins se atraem, e quanto maior esta concentração, maior e o poder de atração. Neste caso também se justifica a seleção natural, pois, no caso de uma empresa automotiva, é mais provável a instalação de uma fabricante de autopeças para dar apoio logístico, do que uma esmagadora de grãos de soja. Deve-se entender, porém que existe o efeito colateral benigno, pois este desenvolvimento é seguido do aquecimento do comércio da região onde a concentração está ocorrendo, ou seja, construção de shoppings, novos hotéis, aumento do número de lojas comerciais e incremento do mercado imobiliário entre outras.

Tal concentração pode ser ocasionada pela instalação de uma grande indústria em determinado local ou simplesmente a vocação da região que havia passado despercebido a sua população e descoberta por acaso.

Segundo PORTER(1989), as Organizações precisam reunir quatro atributos para obterem êxito:

- Condições de fatores;
- Condições de demanda;
- Indústrias correlatas e de apoio;
- Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas.

6. TECNOLOGIA COMO ELEMENTO DE MUTAÇÃO

Assim como na natureza, quando um novo elemento é alçado por uma mudança repentina, e esta mudança lhe dá uma vantagem competitiva muito grande perante os seus pares, o que acontece a seguir é que o novo elemento consegue fazer com que seus descendentes sejam mais prolíficos em detrimento da espécie anterior. No caso das indústrias, o elemento do acaso, normalmente é uma mudança tecnológica, e se as empresas instaladas não se atualizarem, correm o risco de se tornarem obsoletas e assim não se manterem no mercado. O exemplo mais marcante, foi o que ocorreu com as empresas que

fabricavam máquinas de escrever, foram virtualmente engolidas pelo aparecimento do PC. As que não fecharam as portas tiveram que adaptar seu parque industrial para produzir outras coisas.

Neste ponto é importante ressaltar a importância do desenvolvimento tecnológico do país. Em países desenvolvidos o papel do governo na descoberta de novas tecnologias foi fundamental. No caso dos EUA, quantos subprodutos foram criados a partir do desenvolvimento do programa espacial americano. No Japão os centros tecnológicos, apoiados pelo governo e sociedade civil, ajudaram a o país a se tornar um dos mais modernos do mundo depois de devastado pela guerra, principalmente do MITI.

7. DESENVOLVIMENTO DOS INDIVÍDUOS

Em todos os países desenvolvidos ou aqueles que querem ser desenvolvidos um dia, a preocupação com a educação assume um contexto de segurança nacional. Esses países entendem a necessidade de formar mão-de-obra especializada, para que possa ter condições de suprir as empresas que agregam maior valor aos seus produtos. Alguns países com a Índia, Coreia, Japão, entre outros, envia anualmente milhares de estudantes para os EUA para se aperfeiçoar nas universidades americanas, trazendo de volta na bagagem conhecimento técnico superior para aplicar em seus países.

8. DESENVOLVIMENTO NACIONAL

A soma da vocação industrial da região e a manutenção de um planejamento estratégico voltado à consolidação da vantagem competitiva, fazem com que as indústrias locais se tornem imbatíveis, mesmo perante indústrias estrangeiras de mesmo porte. Podemos encontrar centros industriais em todo o território nacional, no nordeste a indústria do turismo está em plena evolução, calcada em muitos investimentos estrangeiros, na região centro-oeste a indústria de agronegócios, entre outros. Isso mais uma vez vem a comprovar que a soma das sinergias é um diferencial que deve ser aproveitado pelo país na construção de seu desenvolvimento, junte-se a isso a expertise regional para determinadas atividades e temos um conjunto de condições que nos permitem competir em melhores condições inclusive no mercado internacional.

9. CONCLUSÃO

Este artigo levanta questões que muitas das vezes foram debatidas e não implementadas, seja por motivos políticos ou técnicos. A grande questão é que com um pouco de boa vontade dos stakeholders, é possível fazer com que o Brasil se torne em pouco tempo um equivalente aos “tigres asiáticos”. Contando com recursos naturais, possuindo um bom parque industrial já instalado e conhecimento técnico invejável em diversos setores. Se os governantes se propuserem a realmente mudar este país, seria primeiro com uma mudança na forma de focar a educação, não como um gasto ou despesa, e sim como um investimento de médio a longo prazo, No Brasil parece haver uma movimentação neste sentido, uma vez que as ações paternalistas podem amenizar os problemas sociais, porém a educação, de boa qualidade, resolve estes problemas, desde que seja distribuída de maneira uniforme para todos. Segundo, seria a criação de uma política industrial séria e com o envolvimento da sociedade civil nas decisões, e terceiro,

seria o um apoio maior as entidades de P&D, que teriam um papel fundamental na descoberta e desenvolvimento de produtos nacionais com um maior valor agregado e por conseqüência deixaríamos de ser um país exportador de matéria-prima, assim sendo não estaríamos exportando empregos e desenvolvimento. Este apoio não seria só do governo, mas também das empresas, que poderiam utilizar do sistema cooperativo japonês, dividindo as despesas e utilizando das novas descobertas.

10. REFERÊNCIAS

GALBRAITH, Jay R.. Human Resource Management: John Wiley & Sons, inc, 1983.

GRANT, Robert M. Contemporary Strategy Analysis: concepts, techniques, applications. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.

MINTZBERG. Henry. Processo da estratégia – Porto Alegre: bookman, 2001.

OSTER, Sharon M. . Modern Competitive Analysis – New York: Oxford University Press, 1999.

PORTER, Michael E. Competição: estratégias competitivas essenciais – Rio de Janeiro: Campus, 1999.

_____. A Vantagem Competitiva das Nações – Rio de Janeiro: Campus, 1989

PASSOS, C.F. Desafios para as pequenas e médias empresas. Folha de São Paulo, 17/07/1996, caderno dois.

ROSENFELD, S. A. Bringing business clusters into the mainstream of economic development. European Planning Studies, v. 5, nº 1, 1997. Ed carfax publishing, Oxford.